

A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA * "UM PASSO EM DIREÇÃO AO FUTURO"

Prof. Dalton Aureo Moro **

RESUMO

Através de um tratamento histórico envolvendo a natureza, o caráter, a utilidade e a pretensão da Geografia, discutem-se os aspectos fundamentais à formação do Professor de Geografia com vistas aos desafios do futuro.

PALAVRAS-CHAVE: licenciatura, bacharelado, Geografia Clássica, Geografia Moderna, Geografia Renovada, Geografia Voluntária, organização do espaço.

THE FORMATION OF A PROFESSOR OF GEOGRAPHY "ONE STEP TOWARD TO THE FUTURE"

ABSTRACT

By means of a historical treatment involving the nature, the character, the usefulness and the aim of Geography, a discussion is presented on the fundamental aspects in the formation of a professor of Geography looking towards the future challenges facing the professor.

KEY-WORDS: Licentiacteship, bachelorship, Classic Geography, Modern Geography, Renovated Geography, Voluntary Geography, organisation of space.

1. INTRODUÇÃO

No início de um estudo que tenha por propósito discutir alguns aspectos ligados à formação do professor de Geografia é, ao mesmo tempo, interessante e de fundamental importância, uma apresentação que envolva certas considerações acerca da natureza, do caráter, da utilidade e da pretensão desse ramo do conhecimento humano. Só então, teremos elementos para, com certa margem de segurança, abordar essa delicada questão.

Neste sentido, com vistas à consecução dos objetivos deste ensaio, sua estruturação metodológica desenvolver-se-á desde uma periodização histórica da Geografia, passando pelo seu caráter utilitário, para em seguida apontar os grandes temas que associados a certos fenômenos, seguramente, já começaram a causar sérios problemas e preocupações à humanidade. Problemas esses que se tornarão, inevitavelmente, mais cruciais no crepúsculo deste século e limiar do seguinte, para os quais a Geografia poderá contribuir na direção de sua solução.

A seguir abordar-se-á o papel e a importância do professor de Geografia, culminando com os aspectos relativos à questão de sua formação.

* Trabalho apresentado no Encontro Estadual de Professores de Geografia/Curitiba, outubro de 1985.

** Docente do Departamento de Geografia da Universidade Estadual de Maringá.

* A Terra Superlotada: as Pessoas e a Política da População.

2. SINOPSE HISTÓRICA DA GEOGRAFIA

2.1. A Pré-História da Geografia

Esta fase do conhecimento geográfico estende-se desde o alvorecer da Geografia na "Grécia Antiga" até a formação da "Geografia Moderna" com Humboldt e Ritter, em meados do século passado (Sodré, 1976).

O conteúdo do temário geográfico era o mais diversificado possível, envolvendo questões tão díspares que, seguramente, hoje não caberiam ser classificadas como pertencentes ao campo de preocupações da Geografia (Moraes, 1981).

Além disso, esse temário apresentava-se disperso, sem qualquer sentido de sistematização e de unidade, tanto metodológica como de conteúdo, permanecendo assim até, pelo menos, o final do século XIX (Moraes, 1981).

Nessa perspectiva, no transcurso histórico do desenvolvimento da Geografia, é somente durante o primeiro quartel do século XIX, que uma série de condições históricas culminaram por criar uma conjuntura favorável à sistematização da Geografia. Oportunidade em que Humboldt e Ritter e logo a seguir Ratzel consubstanciaram os alicerces da moderna ciência geográfica.

2.2. A Geografia Clássica ou Tradicional

A Geografia Clássica (Claval, 1974) ou Tradicional (Christofolletti, 1982) genericamente envolve o período de tempo que transcorre desde meados do século passado até meados do século atual. Sua preocupação básica caracteriza-se, em especial nas últimas décadas do século XIX e primeiros do século XX, no estudo das relações homem/natureza (Denis, 1982), com três perspectivas distintas: Determinista, Possibilista, Ecologista. Todavia, quase que simultaneamente, em fins do século XIX, e começos do século XX ganharam relevância os estudos do caráter das áreas (Broek, 1972). Ao seu tempo, a "Geografia Francesa", das primeiras décadas deste século, valorizou, sobremaneira, a Geografia Regional com o desenvolvimento dos estudos regionais, tendo como seu objeto principal a região.

Todavia, embora com designações e roupagem diferentes, não podemos deixar de notar quanto o estudo do caráter das áreas e os estudos regionais guardam, entre si, relações que se aproximam estreitamente, quer no plano metodológico quer no plano do seu conteúdo e propósitos.

2.3. A Geografia Renovada ou Nova Geografia

Tendo como marco principal os primeiros anos logo após o final da "Segunda Grande Guerra", o movimento de renovação da Geografia ou a Geografia Nova vai consolidar-se por intermédio de duas vertentes metodológicas distintas: a Geografia Pragmática ou Aplicada e a Geografia Radical ou Crítica, também conhecida por ativa.

A primeira operacionada por intermédio dos estudos da organização do espaço, com vistas a servir de subsídios ao planejamento e por conseguinte ao desenvolvimento do território. Objetivou-se por uma pluralidade teórica-metodológica através da Geografia Quantitativa, da Geografia Sistemática ou Modelística, da Geografia da Percepção ou Comportamental e por último da Geografia Idealista (Moraes, 1981),

(Christopoletti, 1982), (Denis, 1982). Em resumo, a Geografia Pragmática tem sua preocupação central nos processos espaciais e sua operacionalidade.

A segunda, isto é, a Geografia Radical ou Crítica embasada fundamentalmente no materialismo histórico, voltada mais para os processos sociais do que espaciais, empenha-se em desmascarar as injustiças sociais, revelando as contradições da realidade. Dentre suas principais características destacam-se: o posicionamento crítico radical às Geografias existentes; a unidade encontrada na atitude de "oposição a uma realidade social e espacial contraditória e injusta" (Moraes, 1981). Além disso, por último, cabe destacar a característica de não se empenhar a fundo na busca de um objeto formal, mas de viabilizar-se por uma "Geografia Militante" que venha a lutar por uma sociedade mais justa (Moraes, 1981).

3. O CARÁTER UTILITÁRIO DA GEOGRAFIA

Ao longo do transcorrer da história da humanidade, o homem vem utilizando o conhecimento adquirido da realidade e acumulando socialmente para contribuir no desenvolvimento da sociedade humana. Assim também, a Geografia caracterizada inicialmente como um ramo do conhecimento humano e recentemente como uma disciplina científica, não poderia deixar de contribuir, com seu caráter utilitário às necessidades históricas das sociedades. Dessa forma, no dizer de George (1972), apresenta-se a Geografia como "uma ciência voltada para a ação e orientada pela conjuntura", tornando-se claro seu caráter utilitário.

Para os povos antigos o conhecimento acumulado pela "Geografia Descritiva" foi o guia seguro nos empreendimentos de suas viagens de expansão comercial, bem como, de suas empresas militares. As descrições dos contornos dos litorais, dos costumes e hábitos dos povos estranhos, das particularidades geográficas das paisagens ao longo das rotas e caminhos percorridos, mostram-se de grande valor utilitário.

Para os povos antigos o conhecimento acumulado pela "Geografia Descritiva" foi o guia seguro nos empreendimentos de suas viagens de expansão comercial, bem como, de suas empresas militares. As descrições dos contornos dos litorais, dos costumes e hábitos dos povos estranhos, das particularidades geográficas das paisagens ao longo das rotas e caminhos percorridos, mostram-se de grande valor utilitário.

Em todos os tempos, as especulações acerca do conhecimento geográfico da realidade serviram para alimentar a mente dos espíritos mais ousados e inquietos. Pois, segundo Broek (1972), "entre a curiosidade num extremo e a utilidade direta noutro extremo, está o valor da Geografia como parte do equipamento intelectual de todos os cidadãos em todos os países".

George (1972) realça o caráter utilitário da Geografia como instrumento e fruto das grandes descobertas; como modeladora das consciências durante o século XIX e início do século XX, através do ensino da Geografia Nacional e Universal; como fornecedora, desde o século XVIII, de dados e elementos "estatísticos" úteis à expansão colonialista, revelando as potencialidades às explorações proveitosas; como conhecimento imprescindível a arte militar.

Por outro lado, o aspecto utilitário da Geografia, além de conjuntural, muitas vezes é circunstancial. Veja-se o desenvolvimento da Geopolítica e suas aplica-

ções, sobretudo no desenrolar do processo das duas últimas Guerras Mundiais (Sodré, 1976).

Outra face do caráter utilitário da Geografia está associada, intimamente, ao tema da Organização do Espaço. As questões relativas a este tema, embora já manifestadas em fins do século passado, só tornaram-se mais urgentes a partir do período entre as duas Grandes Guerras (Claval, 1974). É evidente a sua participação na reconstrução do "Mundo Pós-Guerra" como instrumento do planejamento.

A Geografia, como ciência, pode e tem contribuído para uma melhor ordenação territorial, sobretudo nas décadas mais recentes, caracterizando os objetivos da Geografia Pragmática, manifestados por meio da Geografia Voluntária ou Aplicada (George, 1973). A aplicação da Geografia contribui na elaboração de diagnósticos da "situação" de uma organização espacial, fornecendo os subsídios ao planejamento, com vistas a uma melhor ordenação territorial, através da intervenção no território, isto é, a cirurgia espacial.

Labasse (1973) deixa claro a importância do caráter prático da Geografia ao destacar que:

"a Geografia Voluntária pode ser entendida como uma reflexão voltada à ação sobre os esforços que o homem empreende, deliberada e coletivamente, com vistas a modificar as condições de existência de uma comunidade".

Finalmente, cabe destacar o caráter utilitário da Geografia, através do ensino. Fundamentalmente importante, sobretudo nos últimos anos com o florescimento da Geografia Crítica ou Radical. Desmascarando as contradições sociais, injustas e dominadoras, possibilitando a elevação do espírito humano, de forma a contribuir para uma consciência livre de dogmatismos e preconceitos, libertadora e democrática.

4. OS GRANDES TEMAS EMERGENTES

George (1970) já chamava a atenção para certos temas emergentes, que há muito tempo constituem fonte de preocupação para os estudiosos da Organização do Espaço: A Organização do Espaço Agrícola; A Mobilização da Água; A Hierarquização do Espaço de Relação; A Organização do Espaço Urbano; A Organização dos Espaços de Lazer.

Todavia, hoje, face à disponibilidade de dados estatísticos mais atuais, pode-se, com maior precisão, apontar os temas mais urgentes.

Pranay Gupte (1985), em excelente entrevista à Revista Veja apresenta os seguintes dados ao crescimento da população mundial:

- 1.º) a taxa anual de crescimento da população mundial situa-se, nos últimos anos, entre 2% e 1,7%;
- 2.º) nos 14 meses que GUPTE levou para escrever seu livro * a população do mundo aumentou 100 milhões de pessoas;
- 3.º) até o final do século seremos 6,1 bilhões;
- 4.º) atualmente nascem 150 pessoas por minuto, 9.000 por hora. 216.000 por dia, 80.000.000 por ano;
- 5.º) nos próximos 15 anos a força de trabalho do mundo passará de 1,8

bilhões para 2,6 bilhões;

- 6.º) no ano 2.000 80% da população mundial estará nos países pobres;
- 7.º) para o ano 2.020, isto é, somente daqui a 35 anos, a progressão aponta para 9 bilhões de pessoas no mundo.

Pelos dados acima, fica evidente a profundidade dos problemas de utilização do espaço que se colocarão para a humanidade nos próximos anos.

Ora, a organização do território, segundo Dollfus (1972)

“representa o reflexo no espaço geográfico de uma política econômica e de suas consequências sociais, constitui igualmente, entretanto, uma tomada de consciência por parte de seus ocupantes, pelo fato de serem eles os depositários e os responsáveis por um patrimônio que deverão utilizar para atender da melhor maneira possível às necessidades do momento, sem esquecer por isto sua obrigação de poupá-lo e de prepará-lo para necessidades futuras. É o conhecimento voltado para a ação do espaço geográfico que deve constituir o esteio de nosso quadro de vida”.

Assim posto, decorrentes do alarmante aumento da população mundial, pode-se selecionar como temas mais urgentes, alguns daqueles, já apontados por George (1970) — a Organização do Espaço Urbano, do Espaço Agrícola, do Espaço de Lazer, do Espaço Hídrico — acrescidos dos problemas da preservação do meio ambiente, compatível com a vida no planeta.

À Geografia cabe o papel fundamentalmente importante de contribuir na solução dos problemas espaciais relacionados com os temas acima, não só devido ao aumento numérico da população, mas sobretudo, devido aos problemas sociais daí decorrentes, pois a organização do espaço, nada mais é do que a expressão real sobre o território de uma organização social.

Neste sentido, será oportuno e de bom senso, que na formação do professor de Geografia passe-se a dar maior ênfase ao estudo desses temas, com uma visão prospectiva apontando ao futuro, investindo-se nas disciplinas como Geografia Urbana, Geografia Agrária, Geografia da População, Geografia Ambiental, Conservação dos Recursos Naturais, Hidrografia e Oceanografia.

5. A FUNÇÃO DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA

Genericamente, a todo aquele que se dispõe a exercer a profissão de professor através do ensino regular, além de transmitir os conhecimentos inerentes à disciplina que ensina, sempre apontando ao futuro, cabe com um espírito aberto, livre de preconceitos dogmáticos e determinismos sociais, contribuir no desenvolvimento da “consciência” das futuras gerações em todas as qualidades da natureza humana.

Ao professor de Geografia, assim como a outros professores das áreas das ciências humanas e sociais, na sua medida, é fundamentalmente importante o seu papel na formação dos novos espíritos. Isto porque na medida em que abordam questões relativas ao meio ambiente, ao espaço urbano, ao espaço rural, a exploração dos recursos naturais e outros, deverão fazê-lo de modo a revelar as relações sociais injustas e contraditórias que contribuem para configurar uma organização territorial recheada de “anacronismos sociais”. Assim o fazendo, de forma espontânea e democrática, procurando desenvolver as potencialidades do espírito humano em atividades e valores de

profundo respeito para com o meio e ele próprio, o professor de Geografia revela-se necessariamente útil e socialmente indispensável.

6. A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA

Investimento para o Futuro

6.1. Aspectos de Conteúdo

Diante do que se vem discutindo, ficou evidente que na formação do professor de Geografia deve-se investir no ensino, prioritariamente nas disciplinas estreitamente relacionadas com os problemas decorrentes do elevado crescimento populacional do mundo, os quais se tornarão mais graves à medida que o futuro se aproxima. Este ensino deverá voltar-se para uma série de programas abertos em direção ao futuro, isto é, com uma ótica prospectiva, em constante mudança atendendo as exigências da realidade.

A preocupação com a formação do professor de Geografia, à primeira vista, apresenta duas direções. A primeira que conduz ao ensino de um instrumental teórico-metodológico que equipe o futuro professor e pesquisador — o ensino e a pesquisa devem guardar entre si uma relação dialética no espírito do professor — com um arsenal de conhecimentos úteis que lhe possibilitem enfrentar os desafios impostos no futuro, concorrendo para sua solução.

A segunda direção, também utilitária, mas de caráter conceitual e filosófico, tem em vista fornecer ao futuro educador os elementos necessários ao desenvolvimento de uma doutrina humanista, aberta, liberadora, livre de posturas deterministas que colabore à formação de uma consciência voltada ao desenvolvimento harmônico da sociedade humana, assim como dessa sociedade com a natureza.

Ademais, deve-se ter em conta os conteúdos e meios para proporcionar as bases pedagógicas indispensáveis ao bom desempenho dos mestres. “Um professor não se improvisa” (Ferreira, 1984).

6.2. Aspectos Teóricos-Metodológicos

A Geografia, como ramo do conhecimento humano ou como ciência, na sua evolução sempre foi dependente dos progressos de outras ciências afins (Martone, 1953). Ela tem-se caracterizado como uma ciência que se empenha na busca do seu objeto através do estudo das relações e combinações de fatos e de movimentos cujo conhecimento específico é da alçada de outra ciência (George, 1972).

Por outro lado, apresenta-se a Geografia como “uma ciência que mobiliza o conhecimento dos métodos e dos resultados de um bom número de ciências associadas” (George, 1972).

A Geografia, pelo fato de tratar tanto de fenômenos físicos como humanos, *“ocupa campo intermediário entre as ciências sociais e físicas. Por essa razão seu campo é limitado com os campos de muitas ciências sociais e físicas naturais. Essa interpenetração de campos permite que a Geografia utilize material e dados de outras disciplinas”* (Orellana, 1981).

Assim, a Geografia por sua natureza revela-se como uma ciência metodolo-

gicamente heterogênea e que utiliza os resultados de um bom número de ciências afins.

Por esta razão a formação do professor de Geografia deve ser eclética, rica e variada quer nos aspectos metodológicos quer nos de conteúdo. Por que ele precisa, pelo menos, ter uma iniciação aos métodos e linguagem dos outros segmentos do conhecimento, a fim de lhes interpretar e compreender os resultados.

Nos últimos tempos a linguagem e operacionalidade computacional tem-se revelado como um instrumental técnico largamente empregado no conhecimento científico. Assim, já não é sem tempo, que a Geografia e por conseguinte o professor de Geografia deixem de ser totalmente dependentes dos progressos de outras ciências, evitando de estarem sempre atrasados no domínio de novas técnicas. Assim sendo, além de se dedicar uma atenção maior aos aspectos metodológicos na formação do professor, é, fundamental, que também lhe possibilite a iniciação ao domínio de técnicas da linguagem dos computadores, investindo-se nesse sentido, como já o fazem algumas instituições estrangeiras, sobretudo, americanas e européias (Gould, 1975), e muito raramente entre as nacionais. Portanto, além de recomendar, deve-se valorizar bastante a formação matemática como linguagem fundamental da ciência (Gould, 1975), importante ao professor de Geografia devido a natureza da matéria que ensina, possibilitando-lhe meios para melhor compreender e interpretar os resultados das ciências que utilizam essa linguagem.

7. CONCLUSÃO

Em vista de tudo que foi exposto ao longo deste estudo, ficou evidente que a formação do professor de Geografia deve ter em vista o futuro.

Apontando ao futuro, nesta formação deve-se recomendar e valorizar o ensino do conteúdo de disciplinas que abordem as questões relacionadas aos problemas decorrentes do elevado crescimento populacional do mundo, bem como, das conseqüências do seu impacto sobre o meio ambiente, numa perspectiva ecológica.

No mesmo sentido, recomendar e valorizar o ensino, não só de um instrumental teórico-metodológico, aberto, rico e diversificado, mas também técnico que vise equipar adequadamente o professor — via de regra, em nosso país, também pesquisador, haja visto, a sobreposição que existe nos Cursos de Geografia entre os programas de licenciatura e do bacharelado — para enfrentar com segurança os desafios do futuro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BROEK, Jan O.M.. **Iniciação ao Estudo da Geografia**. 2.^a edição, Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1972.
- CHRISTOFOLETTI, Antonio. **Perspectivas da Geografia**. Difusão Editorial S.A., São Paulo, 1982.
- CLAVAL, Paul. **Evolución de La Geografia Humana**. Oikostau, s.a. — ediciones, Barcelona, 1974.
- DENIS, P.Y.. **La Geografia Actual: orientacion e aplicacion**. **Boletim de Geografia Teórica**, 12 (23/24):5-9, Rio Claro, 1982.
- DOLFUS, Olivier. **O Espaço Geográfico**. Difusão Européia do Livro, São Paulo, 1972.
- FERREIRA, M.E.M.C.. **Considerações sobre o Ensino e o Profissional de Geografia**.

- Anais do II Encontro Regional de Geografia.** AGB/UEL, Londrina, 19-21, 1984.
- GEORGE, Pierre. **Conferências no Brasil.** Fundação IBGE, Rio de Janeiro, 1970.
- GEORGE, Pierre. **Os Métodos da Geografia.** Difusão Européia do Livro, São Paulo, 1972.
- GEORGE, Pierre. **A Geografia Ativa.** 3.^a edição, Difusão Européia do Livro, São Paulo, 1973.
- GOULD, P.R.. El plan de Estudios Abiertos, em la Enseñanza de la Geografía. In **"Nuevas Tendencias em Geografia"**, (CHORLEY, R.J., organizador). Instituto de Estudios de Administración Local, Madrid, 1975.
- GUPT, Pranay. Explosão Ameaçadora. **Revista Veja**, 876. Editora Abril, São Paulo, 1985.
- LABASSE, Jean. **La Organización del Espacio. (Elementos de Geografia Aplicada).** Instituto de Estudios de Administración Local, Madrid, 1973.
- MARTONE, E. de. **Panorama da Geografia.** Volume I, Edições Cosmos, Lisboa, 1953.
- MORAES, A.C.R.. **Geografia — Pequena História Crítica.** Editora HUCITEC, São Paulo, 1981.
- ORELLANA, M.P.. A Geomorfologia no Contexto Social. In **"Geografia e Planejamento, n. 34"**, Instituto de Geografia da U.S.P., São Paulo, 1981.
- SODRÉ, N.W.. **Introdução à Geografia.** Editora Vozes, Petrópolis, 1976.